

WERTHER E O *STURM UND DRANG*

Luana Signorelli Faria da Costa (Unicamp)¹

Resumo: Este trabalho estuda *Os sofrimentos do jovem Werther* (2001), enquadrando-o no panorama do *Sturm und Drang*, em que a tragédia do suicídio e a natureza se revelam como base do imaginário romântico. Este romance fundamental indica na sua constituição uma discussão metafísica e filosófica sobre a vida e o homem, além de impactar o movimento do nacionalismo alemão, influenciando a literatura moderna, como Thomas Mann, Hermann Hesse e Hermann Broch. Não só na prosa, mas também na sua *Gedichte* (poesia), Goethe já mostrava preocupações estéticas, sobretudo em relação à crise entre o sujeito e o objeto. Assim, Goethe permanece importante para a atualidade, isto é, por ser atual e ativo.

Palavras-chave: Romantismo; Formação; Atualidade; Estética; Humanismo.

Agradeço pela oportunidade de participação no XV Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), realizado entre os dias 7 e 11 de agosto na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), em tempos de crise e extrema urgência. Gostaria de começar comentando que Goethe não é a minha especialidade. No meu Mestrado na Universidade de Brasília, eu estudei literatura russa, mais especificamente *Anna Kariênina* de Tolstói, e agora no meu Doutorado na Unicamp eu estudo *José e seus irmãos* de Thomas Mann. Porém, o fio condutor dos meus trabalhos é sempre o realismo. Então, antes de me ater a um autor ou à sua nacionalidade, eu antes estudo o que Goethe chamou de *Weltliteratur* e os irmãos Schlegel de *Universalpoesie*. Nesse sentido, a minha fala no congresso tentou mapear algumas influências que Goethe incidiu sobre alguns escritores do século XX. Esta é a extensão em certa maneira de um projeto que eu já queria desenvolver desde o início da minha graduação.

Tendo se apropriado do nome de uma peça dramática do romântico Klinger, o movimento do *Sturm und Drang* se contrapôs ao racionalismo, elevando sentimento e ânimo contra a tirania do entendimento. Posto desse modo, *Razão e sentimento*, até parece mais um romance da Jane Austen. No caso particular da Alemanha, o movimento sofreu influências do misticismo espanhol, do quietismo francês, que é uma

¹ Luana ingressou em 1º/2017 no programa de Doutorado em Teoria e História Literária no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A sua tese de Doutorado consiste em estudar José e seus irmãos de Thomas Mann. O seu orientador é o prof. dout. Mário Luiz Frungillo. E-mail para contato: lua.signorelli@gmail.com.



doutrina e prática espiritual, e do pietismo, como é o caso de Hermann Hesse, cujos pais eram missionários.

Para falar da influência de Goethe na obra de Hesse, são fornecidos 3 exemplos literários. O primeiro é *O lobo da estepe*, em que o protagonista Harry Haller um dia visita a casa de um professor universitário, onde tem um busto de Goethe. Harry se irrita, por causa da representação não realista daquele busto, que indicava um Goethe muito burguês, e então ele se zanga por causa disso. O segundo é *Demian*, no qual há a seguinte frase: “a ave saiu do ovo. O ovo é o mundo. Quem quiser nascer tem que destruir um mundo” (HESSE, 2016, p. 106), o que faz lembrar o voo cósmico em Fausto II, quando esse pássaro romântico, condoreiro, simbolicamente representa a passagem e a ascensão. E o terceiro exemplo é *O jogo das contas de vidro*, em que há uma utopia chamada Castália, a qual é baseada rigorosamente num sistema ordenado e hierárquico que já estava presente na província pedagógica de *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*.

O objetivo principal do *Sturm und Drang* era manifestar-se contra o forte moralismo das convenções pequeno-burguesas, com um sentimento antiaristocrático declarado. Havia uma Revolução Francesa perto de acontecer, época em que surgiam os grandes gênios. Tudo isso também foi resgatado por Hesse, ídolo da contracultura, venerado, por exemplo, pelos *hippies*. Evoca-se uma citação de Otto Maria Capeaux, sobre os gênios:

Um gênio é, então, aquele que não precisa de regras para comover e edificar. ‘Genial’ é a poesia sem imitação dos antigos e ‘genial’ é a religiosidade livre sem dogmas. Os pré-românticos alemães pretendem viver e escrever sem e contra as regras da sociedade e da literatura do século; por isso julgam-se ‘gênios’. E a exposição de sentimentos e sentimentozinhos, nas cartas que constituem os romances, é bem compreendida pelos pietistas, acostumados à autoanálise dos seus pecados, à introspecção psicológica. Enfim, haverá o gênio do sentimento: o Werther de Goethe; e Werther também é romance epistolar. (CARPEAUX, 2013, p. 55).

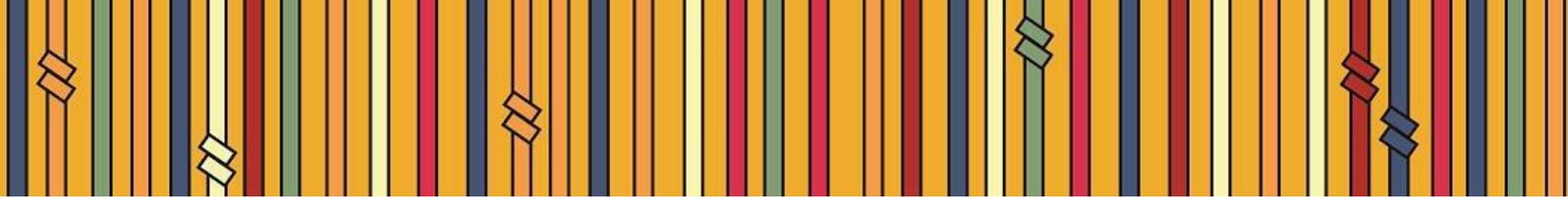


Outras influências do pré-romantismo alemão foram Shakespeare, Ossian, Rousseau e Vico, como precursor do historicismo hegeliano. A coleção *Vozes do povo* de Herder viabilizou o nacionalismo. Foi ele também o responsável pelo acesso do povo alemão a Homero, por meio de suas traduções. Os pré-românticos do *Sturm und Drang* devem muito à Grécia antiga, com a ambição dramática, tanto é que até hoje Goethe é reconhecido pelo seu *Egmont* e Schiller pela *Noiva de Messina*. Goethe e Schiller se destacam, porque eles foram os que realmente conseguiram sair do movimento, geralmente apresentando 2 fases, tecnicamente classificadas como “o jovem e o maduro”, ou “o pré-romântico e o clássico”.

Werther tem como modelo imediato a *Nouvelle Héloïse* de Rousseau. A obra pode ter imitado a vida, mas a vida também imitou a obra, provocando suicídios reais, como já é sabido. Em Werther, confluem as primeiras leituras de Spinoza, certo ocultismo barroco, o amor por Friederike Brion, a quem Goethe seduziu, mas depois abandonou. Do jovem Goethe também se conserva a poesia lírica, que aliás foi uma grande característica da época, havendo um movimento só para ela, chamado de *Hainbund* (Liga do Bosque).

Na Alemanha, a revolta camponesa ocorreu em 1525 com a participação do barão Alexander von Humboldt, muito caro a Goethe. Este processo não instituiu uma monarquia, mas sim uma desagregação em principados independentes que impediu a sua união. O caminho de investigação para o caso da Alemanha deve se dar compreendendo as suas circunstâncias muito específicas. O grande escritor alemão não acompanha sempre só o desenvolvimento de seu país, atrasado, mas, sobretudo, representa espelhos dos acontecimentos histórico-universais. A opressiva atmosfera filisteia sempre rodeou a literatura clássica alemã. No entanto, alguns enxergaram nisso vantagem para atrevimento e ampla margem de liberdade, justamente por causa desse atraso.

Quando Goethe viaja, ele não vai para a Itália só por causa da desilusão amorosa com a Carlota von Steiner, mas sim depois do fracasso de tentar reformar socialmente o principado de Weimar sob os ideais da Ilustração. Ele era contra a corte burocrática de Karl August. Isso provoca em Goethe resignação, afastamento da vida pública. Goethe e Hegel foram contemporâneos e acreditavam que a Revolução Francesa significa uma



mudança na cultura universal. Inspirados no mesmo raciocínio, a dialética servia como pensamento de superação, em que Goethe representa uma ponte para o realismo, o qual é produto orgânico dessa assimilação. Para trazer só um exemplo dessa atmosfera, resgata-se um trecho de Werther, bem no início da primeira parte:

13 de maio. Tu perguntas se deves enviar-me os meus livros... Meu caro, te peço pelo amor de Deus, deixa-os longe do meu pescoço. Não quero mais ser guiado, animado e afogado... Este coração já fermenta o bastante por si próprio. Necessito muito antes de canções que embalem, e essas eu achei à suficiência em Homero. Quantas vezes tenho de ninar o meu sangue revoltado até acalmá-lo... Tu sabes que não existe no mundo nada tão instável, tão inquieto quanto o meu coração. Se é que tenho necessidade de dizê-lo a quem tantas vezes carregou o fardo de me ver passar da aflição à digressão, da doce melancolia à paixão furiosa, meu caro! É por isso que trato o meu coraçozinho como uma criança doente, satisfazendo-lhe todas as vontades. Não diga isso adiante, há pessoas que poderiam usá-lo contra mim. (GOETHE, 2001, p. 17).

Dar vazão ao coração, fazer tudo pelo coração, honrar a natureza (*fugere urbem*), inconformação com a limitação humana: estes são os elementos do código de conduta de Werther. Werther foi publicado em 1774, quando Goethe tinha apenas 25 anos. A título de curiosidade, é com a mesma idade que Thomas Mann publica o seu romance de estreia, *Os Buddenbrook*. E isso é curioso, porque o próprio Goethe disse o seguinte: “Quem escreveu um Werther aos vinte anos, como haverá de viver aos setenta!?” (MANN, 2011, p. 101). Porém, para quem vive sob um código moral, Werther é incapaz de controlar os seus sentimentos, como diz Spinoza em sua *Ética*:

Não têm faltado, certamente, homens eminentes (a cujo trabalho e engenho muito devemos), que têm escrito muitas e excelentes coisas sobre o correto modo de vida e dado, aos mortais, conselhos plenos de prudência. Mas ninguém, que eu saiba, determinou a natureza e a força dos afetos, nem, por outro lado, que poder tem a mente para regulá-los. (SPINOZA, 2016, p. 160).

Werther está repleto de contradições, discussão metafísica de cunho filosófico sobre a vida e o homem. Os seus precursores literários são Richardson e Rousseau. Acontece que toda grande transformação histórico-social produz um homem novo. A novidade rousseauiana foi o plebeísmo. A personagem que comprova isto em Werther



é o jardineiro, com quem ele trava acirrados debates sobre a paixão. É um personagem de quem Werther se sente próximo, conversando com ele no início e no fim do romance, cuja amante se suicida. Ao conversar com Werther sobre isso, na verdade este é um gatilho para o próprio suicídio de Werther. O jovem Goethe não era pessoalmente nenhum plebeu, nem revolucionário no sentido político, mas essa era a sua orientação. A literatura alemã carece de clareza de objetivos políticos, com traços inequívocos de uma vida atrasada e dividida. Todavia, nunca antes com tanta paixão e plasticidade foi representado o drama burguês do que na literatura alemã do século XVIII.

O centro de Werther se encontra no grande problema do humanismo revolucionário burguês, o problema do desdobramento livre e unilateral da personalidade humana. Feuerbach escreveu: 'Que não seja nosso ideal ser castrado, desencarnado, copiado; que seja nosso ideal o homem inteiro, real, unilateral, completo, feito.' Lenin, que recorreu a essa frase nos seus apontamentos filosóficos, diz sobre ela que esse ideal é 'o da democracia burguesa progressiva, ou democracia burguesa revolucionária'. (...) Goethe dá forma à vida cotidiana de sua época com uma compreensão tão profunda das forças motoras, das contradições básicas, que a significação da sua crítica remete amplamente à análise da circunstância da atrasada Alemanha. A acolhida entusiasmada que encontrou Werther por toda a Europa mostra que os homens dos países mais desenvolvidos desde o ponto de vista da evolução capitalista tiveram que ler imediatamente no destino do Werther a sentença: *tua res agitur* (LUKÁCS, 1968, p. 74-75, minha tradução).

A frase em latim significa “trata-se de coisa tua” (Horácio). Karl Marx, em seu estudo *Sobre o suicídio*, entende o suicídio como representativo da ruína de uma classe, como é o caso, por exemplo, de *Anna Kariênina*. Há também uma discussão ética, até mesmo um possível levantamento de um direito ao suicídio. Lukács diz que todo Werther é um processo de uma nova hominização, isto é, um deixar morrer para ceder lugar ao novo.

As contraposições violentas levam Werther à catástrofe. A dação de forma a esse mundo superficialmente estreito e fechado está repleta de dramaticidade interna, excesso de paixões, angústia e incerteza. Werther não é só um estado de ânimo exacerbado e passageiro. Goethe escreve posteriormente *Triunfo da sensibilidade*, que foi uma paródia de Werther. Serve justamente pra criticar o exagero do seu efeito. Werther tampouco é apenas a tragédia do amor desgraçado, mas a configuração perfeita



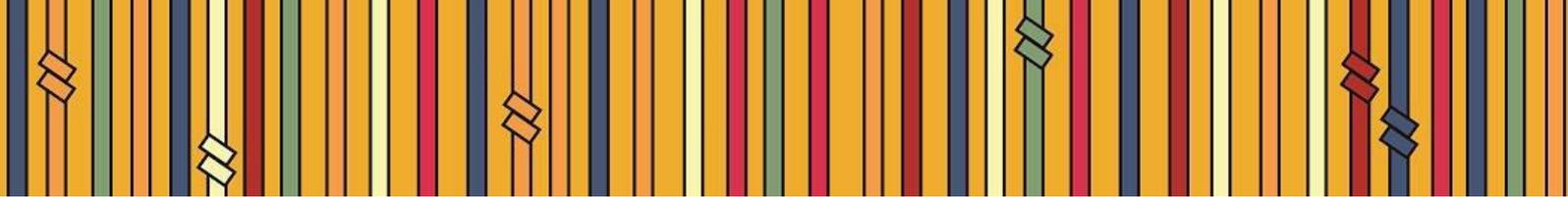
da contradição do matrimônio burguês. Assim, há em Werther um efeito capaz de sobreviver à sua época. Sobre essa sobrevivência, fala Hermann Broch:

Pois a totalidade de uma compreensão do mundo, como deseja a obra de arte, pelo menos aquela de sentido goethiano, concentra todo conhecimento do infinito desenvolvimento da humanidade num único e simultâneo ato cognitivo: a eternidade deve estar compreendida numa única existência, numa única obra de arte e sua totalidade, e quanto mais a obra de arte se aproxima do limite da totalidade, tanto **mais ela mostra que sobrevive ao tempo**. (BROCH, 1992, p. 134, grifo meu).

Nas *Conversações com Eckermann*, Goethe diz que a sua própria obra sobre Werther é a marcha universal do indivíduo que tem que se adaptar em um mundo anacrônico. Haverá sempre uma época para a qual Werther parece ter sido escrito. A universalidade de Werther se evidencia, porque ainda estamos numa era burguesa.

Werther sucumbe tragicamente durante a aurora das ilusões heroicas do humanismo. O seu suicídio é uma grande metáfora para o fracasso da burguesia na revolução; ele é resultado de várias ações sociais, muito mais que individuais, resultado de uma descrença, um desvínculo com a natureza. Porém, o próprio Goethe acredita na renovação dos ciclos, sendo isso necessário para que o novo homem possa surgir, pois já no início de Werther ele diz: “quero gozar o presente e o passado será passado para mim” (GOETHE, 2001, p. 12). Werther não se trata apenas da imortalização do jovem, mas de toda a humanidade, que também é jovem.

A repercussão de Goethe recai sob variados autores, como Günter Grass, em *O tambor*, cujo protagonista Oskar Matzerath aprende a ler por meio de Goethe e Rasputin. Goethe para ele era o pai celestial e o príncipe dos poetas. Por outro lado, a influência de Goethe em Thomas Mann se verifica no óbvio *Doutor Fausto*, mas também em *Carlota em Weimar*, para ficar só em 2 exemplos literários. Já na sua crítica, Thomas Mann diz que “não posso falar de Goethe senão com amor, quer dizer, a partir de uma intimidade cuja indecência é amenizada pelo sentimento mais vivo do incomensurável” (MANN, 2011, p. 70). E sobre Werther, Mann fala o seguinte:



Goethe temia aquele livrinho cheio de uma sensibilidade devastadora, que chegou a contagiar o mundo inteiro com o desejo de morrer, e confessa na velhice que desde a sua publicação somente o releu uma única vez, evitando fazê-lo novamente. ‘São foguetórios’, disse ele’, ‘tenho uma sensação estranha, e tenho medo de recair no estado patológico que o fez nascer.’ O homem maduro teoricamente insiste que a arte ofereça o que é sadio e afirmativo diante da vida, e critica o que chama de ‘poesia de hospital’ contemporânea, um abuso da arte ao qual contrapõe a arte de Tirteu, aquela poesia que não entoa apenas cantos de guerra, mas também arma o homem com a coragem para vencer as batalhas da vida. Mas terá ele próprio agido sempre segundo esse princípio? (MANN, 2011, p. 101).

Por fim, tendo destacado o que foi o movimento do *Sturm und Drang*, ter pincelado o Werther, e ter falado das influências posteriores de Goethe, eu gostaria de ressaltar um pouco da poesia lírica do jovem Goethe como potência estética e revolucionária.

Goethe – Ultimatum

E então pergunte para o último homem
“Tome tudo plenamente e vá;
Na natureza não há núcleo
nem casca
Tudo é de uma vez
Verifique apenas abundantemente
Se você é núcleo ou casca!”

“Nós te conhecemos, você brinca!
Não faça apenas brincadeira
Sob o nosso nariz
Tudo é esquecido.”

Vós seguíeis falsa pista
Não pense, nós brincamos!
Não é o núcleo da natureza
o coração do homem? (GOETHE, minha tradução).

Aqui se compreende essa questão da ultimidade, como se fôssemos os últimos homens na terra e a questão mais importante, a mais fundamental e no fim das contas a mais última é fundir o núcleo à sua casca, o sujeito ao seu objeto, sendo esta a pré-condição básica para a essência. Tudo passa, tudo é esquecido, mas algo resta,



permanece e fica, algo é verdadeiro e não é uma brincadeira: a alma, o coração do homem constituem o núcleo da natureza; para além de sua aparência, mas também a sua essência. Isso faz lembrar do homem que quer romper a sua casca de ovo em *Demian* de Hermann Hesse.

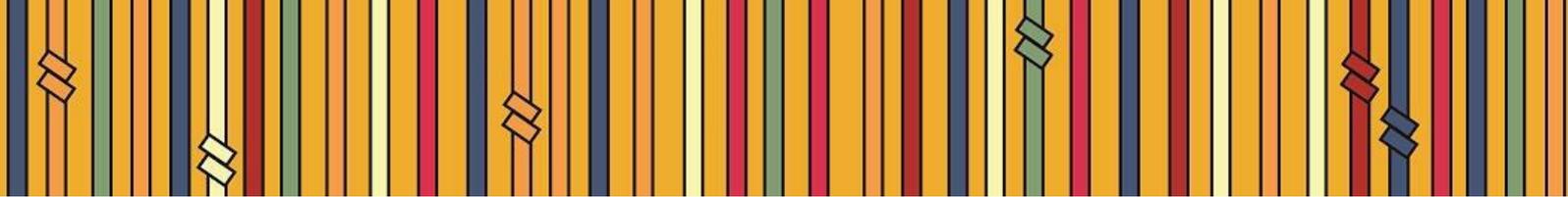
Goethe – Prometeu

Encobre, ó Zeus!
o céu com suas nuvens.
E como o jovem
que gosta de colher
cardos no campo, em teu poder conserva
o robusto carvalho e o alto cume
da espaçosa montanha.
Mas consente que eu use
essa terra que é minha,
esse abrigo que eu fiz,
e esta forja que quando faço arder,
tu, no Olimpo, me invejas.

Nada mais pobre eu conheci, ó deuses
do que vós próprios.
Apenas vos nutris
de sacrifícios
e de preces,
dedicados a vossa majestade.
Morreríeis de fome se não fossem
as crianças, os loucos, os mendigos
que vivem de ilusões.

Quando eu era menino
e nada conhecia,
ao sol se erguiam meus sentidos olhos
como se lá houvessem
ouvidos que escutassem meus lamentos,
e um coração tivesse igual ao meu
capaz de consolar a minha angústia.

E quem contra insolência
da turba dos titãs me auxiliou?
Quem me salvou da morte
e me impediu a escravidão?
Não foste tu meu coração somente
ardendo numa chama inextinguível?
Jovem e ingênuo eu tudo agradecia
àquele que no céu
dorme na ociosidade.
Como prestar-te honra? Mas por quê?
Deste jamais alívio



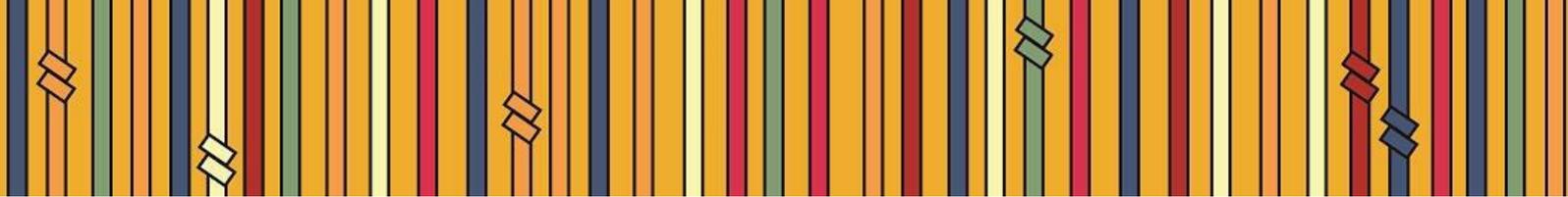
aos oprimidos?
Já enxugaste as lágrimas
dos que são infelizes?
Formei um homem,
mas um homem afinal que só se curva
perante o Tempo e o Fado
que são tão meus senhores como teus.

Pensaste tu talvez
que poderia desprezar a vida
e ao deserto fugir
porque nem todos
os meus sonhos floriram?

Aqui estou.
Homens faço segundo a minha imagem,
Homens que serão logo iguais a mim.
Divertem-se e padecem,
gozam e choram
**mas não se renderão aos poderosos
como também eu nunca me rendi!** (GOETHE, grifos meus).

“Prometeu” é considerado por Carpeaux um grande hino. Nietzsche em *O nascimento da tragédia* diz que a vez de maior luta para a recuperação da cultura grega por parte dos alemães foi com Goethe, Schiller e Winckelmann, os quais retiraram do leito do rio grego a salvação da cultura alemã. Não obstante, Goethe para ele se mantém como um eterno apolíneo. Prometeu é o mito grego daquele que rouba o fogo dos deuses para dá-lo aos mortais. Zeus, com inveja e medo de que os mortais pudessem ultrapassá-lo, resolve castigar Prometeu pela sua *hybris*, amarrando-o a uma rocha, para que ele tivesse o seu fígado comido todo dia por uma águia. Para Lukács, há neste poema o esboço do homem livre e unilateralmente desenvolvido, aquele que não se deixa vencer pelo jugo de um poder opressor.

Este poema em particular de Goethe aparentemente diz tudo, mas é preciso várias leituras para se encontrar mais sentidos nele. O sentido principal que eu gostaria de destacar, e com o qual eu finalizo o meu ensaio, são os versos finais, “mas não se renderão aos poderosos /como também eu nunca me rendi!” Conforme o professor Marcus Vinicius Mazzari, em seu artigo *Natureza ou Deus*, Goethe “renova a inquebrantável aspiração por superação de fronteiras e limites” (MAZZARI, 2010, p. 190). Que essa seja a lição para nós, participantes dessa edição do Congresso da



ABRALIC, que estamos resistindo e lutando. Lukács diz que não se combate só com frases bonitas, mas sim com profundo conhecimento das lutas sociais e culturais. Portanto, que nós saíamos da experiência deste congresso cientes de que a luta é árdua, mas ela não é em vão.

Referências bibliográficas

AUSTEN, Jane. *Razão e sentimento*. Trad. Rodrigo Breunig. São Paulo: L&PM Pocket, 2012.

BROCH, Hermann. A atualidade de James Joyce. In: NESTROVSKI, Arthur (Org.). *Riverrun: ensaios sobre James Joyce*. Trad. Jorge Wanderley, Lya Luft, Marco Lucchesi. Rio de Janeiro: Imago, 1992. (Biblioteca Pierre Menard) (p. 113-138).

CARPEAUX, Otto Maria. *Sturm und Drang* (pré-romantismo). In: CARPEAUX, Otto Maria. *História concisa da literatura alemã*. São Paulo: Faro Editorial, 2013. (p. 54-65).

CARVALHAL, T. F.; COUTINHO, E. F. *Literatura comparada: textos fundadores*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

ECKERMANN, Johann Peter. *Conversações com Goethe*. Trad. Mário Luiz Frungillo. São Paulo: Editora da UNESP, 2016.

FRIENDENTHAL, Richard. *Goethe: his life and times*. Londres: Routledge, 2010.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Os sofrimentos do jovem Werther*. Porto Alegre: LP&M, 2001.

_____. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. Trad. Nicolino Simone Neto. São Paulo: Editora 34, 2009.



_____. *Egmont*. Berlim: Fischer, 2012.

_____. *Gedichte* (1766-1832). Disponível em: <<http://goo.gl/fZnQeQ>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

GRASS, Günter. *O tambor*. Trad. Lúcio Alves e Raquel Valença. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1982.

HESSE, Hermann. *O lobo da estepe*. Trad. Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. *O jogo das contas de vidro*. Trad. Lavinia Abranches Viotti e Flávio Vieira de Souza. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2007.

_____. *Demian*. 47. ed. Trad. Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Record, 2016.

LUKÁCS, György. *Estética – Tomo II: problemas de la mimesis*. Barcelona: Grijalbo, 1966.

_____. *Goethe y su época*. Trad. Manuel Sacristan. Barcelona; México: Edições Grijalbo, 1968.

MANN, Thomas. *José e seus irmãos*. Trad. Agenor Soares de Moura. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. (Coleção Grandes Romances).

_____. *Carlota em Weimar*. Trad. Vera Mourão. São Paulo: Nova Fronteira, 1984.

_____. Goethe como representante da era burguesa. In: *O escritor e sua missão*. Goethe, Dostoiévski, Ibsen e outros. Trad. Kristina Michaelles. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. (p. 69-112).

_____. *Doutor Fausto: a vida do compositor alemão Adrian Leverkühn narrada por um amigo*. Trad. Herbert Caro. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.



_____. *Os Buddenbrook*: decadência de uma família. Trad. Herbert Caro. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MARX, Karl. *Sobre o suicídio*. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2006.

MAZZARI, Marcus Vinicius. *Romance de formação em perspectiva histórica: O Tambor de Lata* de Günter Grass. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

_____. Natureza ou Deus: afinidades panteístas entre Goethe e o brasileiro “Martius”. *Estudos avançados*, n. 24, v. 69, p. 183-202, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *A nova Heloísa*. Trad. Fulvia M. L. Moretto. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

SCHILLER, Friedrich. *A noiva de Messina*. Trad. Gonçalves Dias. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. 3. ed. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

TOLSTÓI, Liév. *Anna Kariênina*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac Naify, 2011.